

COLÉGIO PEDRO II

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura
Pós Graduação em Teorias e Práticas em Geografia Escolar

Julia Rodrigues Silva

“EU BEIJEI SHARA WHEELER”: a literatura como
instrumento de reflexão sobre gênero e sexualidade na Geografia
Escolar

Rio de Janeiro
2023



Julia Rodrigues Silva

“EU BEIJEI SHARA WHEELER”: a literatura como instrumento de reflexão sobre gênero e sexualidade na Geografia Escolar

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa de Especialização em Teorias e Práticas da Geografia Escolar, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Teorias e Práticas da Geografia Escolar.

Orientador (a) Professor (a) Dr. Marcelo Alonso
Morais.

Rio de Janeiro
2023

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER
CATALOGAÇÃO NA FONTE

S586 Silva, Julia Rodrigues

“Eu beijei Shara Wheeler” : a literatura como instrumento de reflexão sobre gênero e sexualidade na geografia escolar / Julia Rodrigues Silva. - Rio de Janeiro, 2023.

24 f.

Artigo científico apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Teorias e Práticas da Geografia Escolar) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Marcelo Alonso Morais.

1. Geografia – Estudo e ensino. 2. Geografia e literatura. 3. Relações de gênero. 4. Sexualidade. 5. Literatura juvenil (Young adult). I. Morais, Marcelo Alonso. II. Colégio Pedro II. III. Título.

CDD 910

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

Nome do Aluno

“Eu Beiji Shara Wheeler”: a literatura como instrumento de reflexão sobre gênero e sexualidade na Geografia Escolar

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa de Especialização em Teorias e Práticas da Geografia Escolar, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Teorias e Práticas da Geografia Escolar.

Aprovado em: ____/____/____.

Banca Examinadora:

Professor Dr. Marcelo Alonso Morais (Orientador)
Colégio Pedro II – campus Tijuca II

Professor Dr. Leandro Riente da Silva Tartaglia
Colégio Pedro II – campus São Cristóvão

Professora Me. Paula Souza de Oliveira Barbosa
Colégio Pedro II – unidade Tijuca II

Rio de Janeiro
2023

“EU BEIJEI SHARA WHEELER”: A LITERATURA COMO INSTRUMENTO DE REFLEXÃO SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE NA GEOGRAFIA ESCOLAR

Julia Rodrigues Silva

Resumo: Visando em dar vazão às demandas dos alunos que buscam entender às suas próprias questões, este artigo busca trabalhar questões de gênero e sexualidade atreladas ao lugar baseando-se na obra literária “Eu Beije Shara Wheeler”, de Casey McQuinston. Para isso, foi necessário inovar na questão metodológica. Para que o livro fosse selecionado, utilizou-se do *ranking* de livros mais lidos do gênero *Young Adult* da rede social *Goodreads* e a análise geográfica da obra baseou-se principalmente nos estudos sobre lugar de Tuan. Constatou-se que a cidade e escola onde os personagens habitam não permitia que pudessem se expressar livremente sobre suas questões ligadas à gênero, sexualidade e raça e que os mesmos acham conforto e coragem para existirem ao enfrentar os dogmas religiosos de False Beach e as regras ultraconservadoras de sua escola. Conclui-se que o lugar é construído de forma mútua com a identidade dos sujeitos através da experiência e, para isso, demanda tempo e que a familiarização do público alvo da obra se dá, provavelmente, por enxergarem suas opiniões e formas de existência contrastados com o conservadorismo religioso presente em nossa sociedade atual.

Palavras-chave: literatura *young adult*; gênero e sexualidade; geografia escolar; ensino de geografia; geografia e literatura.

"I KISSED SHARA WHEELER": LITERATURE AS A TOOL FOR REFLECTION ON GENDER AND SEXUALITY IN SCHOOL GEOGRAPHY

Abstract: Aiming to address the demands of students seeking to understand their own issues, this article explores gender and sexuality issues linked to place based on the literary work "I Kissed Shara Wheeler" by Casey McQuinston. To achieve this, innovation in the methodological approach was necessary. To select the book, the ranking of the most-read Young Adult genre books on the Goodreads social network was used, and the geographical analysis of the work was primarily based on Tuan's studies on place. It was found that the city and school where the characters live did not allow them to freely express their gender, sexuality, and race-related issues. They find comfort and courage to exist by challenging the religious dogmas of False Beach and the ultraconservative rules of their school. It is concluded that the place is mutually constructed with the individuals' identity through experience, requiring time. The target audience's familiarity with the work likely stems from seeing their opinions and ways of existence contrasted with the religious conservatism present in our current society.

Keywords / Palabras-clave: Young Adult literature; gender and sexuality; school geography; geography education; geography and literature.

1 INTRODUÇÃO

Como ciência, o objeto de estudo da geografia é o espaço — ou suas representações. Neste sentido, na Geografia Escolar, esse objeto está presente quando os conteúdos são apresentados na sala de aula. Cartografia, população, clima, relevo, geopolítica, são conteúdos clássicos da disciplina, onde o aluno entende o que é espacialidade. Entretanto, é comum que os discentes não relacionem tais conteúdos com seu cotidiano, com sua existência, sentindo-se alheios à discussão e ao ambiente da classe de Geografia e também de outras disciplinas.

Em seu manifesto “A que Geografia recorrem os grupos sociais excluídos? E por que a escola não lhes escuta?” (2020), Albuquerque defende que investiguemos os saberes geográficos que são importantes para os grupos que constituem a escola. Segundo a autora, dessa forma “teríamos assim tantas Geografias quantas são as pessoas, seus modos de vida, sua forma de lutar pela vida, as formas de resistências, mas também as de exploração a que estão submetidos” (ALBUQUERQUE, 2020, p.10).

A Geografia Escolar, que popularmente é conhecida como “tradicional”, segue de acordo com o papel da escola na modernidade, de reprodução de mão de obra para um mundo capitalista (Albuquerque, 2020). O alunado não é incentivado a pensar em seus próprios problemas, na geografia das suas questões pessoais, sejam elas dos problemas do bairro ou do seu próprio existir, estar no mundo.

Como não há na escola disciplina ou atividade que dê vazão a essas demandas, o corpo discente busca as suprir de outra forma. A literatura jovem adulta (*Young Adult* ou somente YA) ou juvenil possui como principal objetivo gerar identificação com seu público (FERONATO, 2020). Ainda de acordo com Feronato (2020), quando se trata de literatura YA no século XXI, não é possível pensá-la sem falar de *internet*. A rede mundial de computadores é a principal responsável por levar o livro jovem adulto até as mãos do jovem leitor, que também realiza suas discussões na internet em comunidades bem estruturadas em redes sociais como o *Twitter*, *Instagram*, *TikTok* e *Youtube*, assim como aquelas propriamente voltadas para leitura, como o *Skoob* e *Goodreads* (ao qual daremos foco mais adiante).

Entendendo o livro como um objeto no qual as relações de poder materializam-se, tanto no ato de obtê-lo e lê-lo, quanto no de escrevê-lo, Malta, Flexor e Costa (2020) afirmam que nos livros infantojuvenis autores encontraram a possibilidade de driblar censuras ao longo do tempo, sejam as explícitas, como durante o período da ditadura militar, como as implícitas, como as que vêm com a moral religiosa da Igreja Católica, que teve papel importante na formação dos valores da sociedade brasileira. Ainda que não seja o foco tratar do termo infantojuvenil neste texto, alguns autores consideram que seu público alvo seja dos 4 aos 18 anos de idade, coincidindo com parte do público alvo da literatura YA — de 12 a 21 anos (SOUZA, 2020).

Como autora e leitora voraz, a motivação do presente artigo se deu a partir da seguinte pergunta: é possível trabalhar geografia dentro de sala de aula com os livros que os alunos leem por conta própria, que têm interesse para além da sala de aula? A partir do questionamento apresentado, busquei uma metodologia que apresentasse uma obra literária popular entre a faixa etária. Optei pelo *ranking* de popularidade da rede social *Goodreads*, utilizando como critérios de seleção o livro ter sido publicado no Brasil e ter a colocação mais alta possível (mais detalhes sobre a metodologia serão mostrados mais à frente).

O livro selecionado foi “Eu beije Shara Wheeler”, da autora estadunidense Casey McQuinston. A obra foi publicada pelo selo Seguinte da editora Companhia das Letras em 16 de agosto de 2022 e possui 352 páginas. A editora elaborou a seguinte sinopse sobre sua publicação:

Chloe Green está a um passo de terminar o ensino médio e deixar False Beach, a cidadezinha ultraconservadora onde vive, para trás. Mas, antes disso, ela tem um

último objetivo a cumprir: ser eleita a melhor aluna do colégio e a oradora da turma. Seu único obstáculo? Shara Wheeler, a garota mais popular da cidade, que arranca suspiros por onde passa.

Só que, faltando pouco mais de um mês para a formatura, Shara simplesmente desaparece. Todos são pegos de surpresa, mas Chloe tem um motivo a mais para ficar chocada: um dia antes, Shara a tinha beijado na boca sem maiores explicações. Decidida a encontrá-la para tirar a história a limpo, Chloe logo se vê em uma busca bastante inusitada: Shara espalhou vários cartões pela cidade, dando pistas sobre o seu paradeiro e revelando uma personalidade até então desconhecida -- e que pode mudar completamente os planos de Chloe (Companhia das Letras, 2022).

O romance marca a estreia da autora no gênero YA. Suas outras duas obras, os também romances “Vermelho, Branco e Sangue Azul” (2019) e “A Última Parada” (2022) por outro lado, são do gênero ficção adulta (*adult fiction*).

Casey é abertamente bissexual e *queer*, e traz isso para as histórias que escreve: suas três obras trazem personagens e questões relacionadas ao universo LGBTQIA+. Nasceu e cresceu no sul dos Estados Unidos, no estado da Louisiana, formou-se em Jornalismo e atualmente vive em Nova York.

Nota-se, atualmente, a popularização de livros com temáticas LGBTQIA+ dentre os jovens e, de todo o seu universo da literatura LGBTQIA+, trataremos neste artigo a literatura homoafetiva, que, segundo Dias (2013, p. 18), é um “subsistema da literatura com conteúdos de temática homoafetiva ou escrita por autores gays”. Logo, esta busca representá-los e, com o surgimento da teoria *Queer*, passam a ser vistos como fenômenos culturais. Para Oliveira e Simões (2018), o termo “homoafetivo” expressa tanto um sentimento de cunho sexual entre indivíduos do mesmo sexo, quanto um sentimento e companheirismo mantido pelas pessoas em um sentido vasto.

A literatura LGBTQIA+, por sua vez, não é nova, apesar da recente popularidade. Para Mendonça (2018, p. 2) “a literatura LGBT, como é chamada, existe desde séculos passados, mas até pouco tempo se passava despercebida, escondida e ignorada” e isso não só no Brasil, como no mundo inteiro. Particularmente, atribuímos alguns fatores para o aumento da popularidade dos livros com a temática no território nacional.

O primeiro é a busca por identificação dos jovens, que já citamos. Eles se enxergam não só nas histórias, mas também nos novos autores que se tornam figuras *pop* pelo forte engajamento com o público nas redes sociais (SILVA, 2022).

O segundo são as próprias redes sociais. Segundo Silva (2022), as obras encontraram grande meio de divulgação na internet, em redes sociais já citadas graças a influenciadores que abordam a literatura com personagens LGBTQIA+, fazendo a movimentação por meios digitais ir para os meios físicos. Silva (2022) mostra como, para além das plataformas das redes sociais, as plataformas de leitura como o *Wattpad*, onde qualquer pessoa pode publicar e ler histórias originais, são importantes. Clara Alves, autora do livro nacional “Conectadas”, em que duas jovens se apaixonam através de um jogo online revela que sua história começou como uma publicação no site *Wattpad* (SILVA, 2022).

O terceiro seria o próprio perfil dos jovens atuais, ou, como eles gostam de se chamar, Geração Z. Silva (2022) traz a opinião de Nathalia Diambro, que é a editora e profissional responsável pela aquisição de novas obras pelo selo Seguinte (que por sua vez é a divisão jovem da editora Companhia das Letras), quanto a nova geração de leitores que vem se formando: “Os jovens de agora são mais abertos. Ser gay, lésbica, bi, pan, trans não é uma questão. Os adolescentes estão preocupados com outras discussões, como a binariedade do gênero. Isso, claro, influencia no sucesso dessa literatura”.

A quarta razão é a responsável pelo pontapé da popularização dos livros YA com personagens LGBTQIA+ no Brasil. A situação ocorreu durante o evento da Bienal do Livro de 2019, na cidade do Rio de Janeiro, causada pela censura do então prefeito Marcelo

Crivella. O prefeito usou da sua autoridade para que a *graphic novel* “Vingadores, a cruzada das crianças” (Marvel) fosse recolhida e parasse de ser vendida por conta de um beijo homoafetivo masculino. Para Crivella, este era um “conteúdo sexual para menores” e, no dia seguinte, a secretaria de ordem pública compareceu à Bienal para o confisco de todas as obras com temática LGBTQIA+ (NAU EDITORA, 2022).

Além de denúncias amplamente divulgadas na mídia, uma grande atitude de represália foi organizada pelo *youtuber*, ator e empresário Felipe Neto, que distribuiu gratuitamente 14 mil livros da mesma temática censurada por Crivella (NAU EDITORA, 2022; SILVA, 2022). A partir desse momento, as obras que fogem dos padrões heteronormativos ganharam mais espaço e aumentaram suas vendas no país, principalmente as obras *young adult*.

Logo, a partir do ano de 2021, as obras com temáticas LGBTQIA+ lideraram as vendas na categoria infantojuvenil no Brasil de acordo com dados divulgados pelo PublishNews (14 de janeiro de 2022) e a tendência é que este movimento aumente.

Dessa forma, a fim de tornar a escola e a disciplina de geografia lugares que agreguem não só conteúdos, mas que também sejam capazes de discutir a existência e as situações cotidianas da vida dos alunos, a literatura YA e, no caso deste artigo, a literatura homoafetiva podem ser ferramentas inclusivas.

Para além, a representação da realidade através da literatura jovem adulta pode basear aulas sobre determinados conteúdos e até mesmo explicitar conceitos principais da Geografia (paisagem, lugar, território, redes e espaço), atraindo a atenção do aluno, mantendo-os focados e retraindo seus interesses. Ainda, segundo Ferreira (1999), através da literatura o jovem adulto consegue formar sua própria visão de mundo e identidade por meio do vislumbre do mundo do outro.

Algumas obras clássicas já foram analisadas por geógrafos, como “Grande Sertão Veredas”, por Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro (2006), referência na área de climatologia e “O Cortiço”, por Freitas (2020), mas na busca bibliográfica para este trabalho, nenhum estudo acadêmico foi encontrado analisando geograficamente obras *Young Adult* ou as utilizando no ensino de Geografia.

Neste artigo, optei pelo método científico da fenomenologia geográfica, utilizando principalmente as obras de Yi Fu Tuan como referência. Tuan traz análises do lugar através do mundo vivido, levando em consideração as percepções dos sujeitos e suas relações com o espaço para estudar o conceito, que se mostrou de extrema importância dentro da obra literária analisada. O conceito de lugar permeia todo o livro, sendo vital para a história.

Diante do que já foi exposto, este artigo é relevante para entendermos como os conteúdos, artes, cultura consumida pelos jovens podem ser explorados pela geografia escolar dentro de sala a fim de trazer o interesse do alunado de volta à disciplina de geografia e, a partir disso, fazê-los entender que são parte importante do mundo em que vivemos e ajudá-los a levarem e trazerem saberes geográficos para a classe e para as suas vidas, aumentando a complexidade de como enxergam o papel que exercem no lugar, no espaço e no mundo.

Portanto, o objetivo principal deste artigo é mostrar como o exemplar selecionado, “Eu beijei Shara Wheeler” por Casey McQuinston, pode ser instrumento para trabalhar gênero e sexualidade na disciplina de Geografia. Outros objetivos é analisar geograficamente a obra, identificar elementos da história que geram identificação com os jovens alunos atuais e conceitos da geografia que possam ser exemplificados na obra.

Já a escolha de trazer o referencial teórico antes da interpretação da obra se dá pelo fato de ser uma autora leiga sobre as questões de gênero até o exercício da escrita deste artigo. Dessa forma, precisei construir bases, estruturar um arcabouço teórico totalmente novo graças à novidade do tema em minha trajetória acadêmica, que até então vinha sendo

construída na Geografia da Saúde. Contando, enquanto profissional da geografia, não devemos ficar restritos a um único espaço, ignorando outras realidades à nossa volta. Assim como eu era leiga, pode ser que você, leitor, também seja. Logo, busco nos inserir nas discussões pertinentes à obra antes de uma análise. Afinal, o que poderíamos analisar se não conhecermos o assunto?

Portanto, o artigo está dividido da seguinte maneira: Introdução; Metodologia; Gênero, sexualidade e a Geografia Acadêmica; A escola e a sexualidade; O papel da educação geográfica contra a LGBTQIA+fobia; O livro como ferramenta no ensino de geografia; Descortinando janelas geográficas em “Eu beijei Shara Wheeler”: a autora e a cidade de False Beach; Questões de sexualidade e gênero atrelados ao lugar; Questões de raça atrelados ao livro; Tornando-se um lugar: como Chloe cria vínculos com sua escola e com a cidade de False Beach; Considerações finais e Referências.

2 METODOLOGIA

Como forma de análise, será selecionado o livro de posição mais alta do ranking de ganhadores do *Goodreads Choice Awards* na categoria “Young Adult Fiction”, que tenha sido traduzido para o português e publicado no Brasil. A plataforma *Goodreads* é uma rede social voltada para a leitura, muito utilizada pelo público alvo desta pesquisa. Ela permite a troca de opiniões sobre obras literárias internacionalmente. Dessa forma, o jovem que tenha lido um título no Brasil pode receber comentários e estabelecer diálogo com qualquer pessoa que também tenha lido o título e trocar opiniões.

O *Goodreads Choice Awards*, por sua vez, é a premiação anual da rede social onde seus usuários votam para escolher as melhores publicações daquele ano por segmento literário. Algumas das categorias são: *Fiction* (ficção), *Mystery & Thriller* (mistério e terror), *Memoir & Autobiography* (memórias e autobiografia), *Historical Fiction* (ficção histórica), *Non Fiction* (não ficção), *Debut Novel* (romance de estreia), *Middle Grade & Children’s* (ensino fundamental e infantil), *Young Adult Fiction* (ficção jovem adulta) e *Young Adult Fantasy* (fantasia jovem adulta).

De acordo com os critérios escolhidos, o livro selecionado foi “Eu beijei Shara Wheeler”, da autora estadunidense Casey McQuinston, seu romance de estreia no gênero Ficção Jovem Adulta. Contudo, McQuinston produziu outros dois romances homoafetivos, “Vermelho, branco e sangue azul” e “Última parada”.

Para a análise geográfica da obra, a fenomenologia geográfica se mostrou ideal. Isso porque a contribuição da fenomenologia para entender os vínculos simbólicos, a partir do estudo do lugar e do espaço vivido concomitantemente ao entendimento do desenvolvimento do ser humano, assim como as capacidades e habilidades dos sujeitos para a interpretação de suas vivências no mundo, se mostraram artifícios para a compreensão de outras questões inseparáveis do conceito de lugar, que se mostra a principal categoria geográfica presente na obra selecionada.

Para Nascimento e Costa (2016), na fenomenologia como método de abordagem, os sujeitos determinam os objetos, pois são os sujeitos que constituem a realidade, sendo esta singular e própria dos próprios sujeitos. A fenomenologia é constantemente utilizada dentro do campo humano do conhecimento e, dentro da geografia, ganha a categoria de percepção, isto é, a percepção do indivíduo em seu entorno, o que destaca a subjetividade.

Assim, estabelece-se uma relação entre homem e espaço vivido, gerando uma análise socioespacial. A partir dessa relação podemos entender os relatos de mundo vivido no espaço e no tempo a partir das experiências humanas e das subjetividades de cada sujeito.

As bases fenomenológicas na geografia estão divididas nos conceitos de lugar, espaço e paisagem, sendo os três inerentes ao mundo vivido. Segundo Suertegaray (2005, p. 30):

[...] o espaço é vivido, experienciado. A superfície limitante do espaço experienciado é a paisagem. Finalmente temos o conceito de lugar; este constitui o centro de significados expressando, não só a localização, mas o tipo de experiência com o mundo. [...] O mundo vivido é o mundo dos espaços interrelacionais, ou seja, conectam-se no mundo vivido as dimensões natural, social e cultural.

Já Relph (1970, p.193) diz o seguinte sobre o assunto:

O método fenomenológico é um procedimento para descrever o mundo cotidiano da experiência imediata do homem, incluindo suas ações, lembranças, fantasias e percepções; ele não é um método de análise ou explicação de qualquer mundo objetivo ou racional através do desenvolvimento de hipóteses e teorias prévias.

São nas interações sociais e subjetivas onde a fenomenologia ligada a geografia humana constrói suas análises espaço temporais. Como a fenomenologia carrega em si o aspecto da experiência, é comum que haja em sua interface com a geografia a aproximação do pesquisador com seu objeto de estudo.

Tuan (1982, p. 143) mostra a linha de estudo que carrega a fenomenologia dentre seus pressupostos:

[...] a Geografia Humanista procura um entendimento do mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza, de seu comportamento geográfico bem como dos seus sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar.

Assim, segundo Tuan (1983), o conceito de lugar se caracteriza por três palavras-chave: percepção, experiência e valores. Para o autor, o espaço também pode transformar-se em lugar a partir que atribuímos ao primeiro algum valor e significação. Logo, o lugar não pode ser entendido sem que seja experienciado. Para Tuan (1979, p. 387),

[...] o lugar é uma unidade entre outras unidades ligadas pela rede de circulação; [...] o lugar, no entanto, tem mais substância do que nos sugere a palavra localização: ele é uma entidade única, um conjunto 'especial', que tem história e significado. O lugar encarna as experiências e aspirações das pessoas. O lugar não é só um fato a ser explicado na ampla estrutura do espaço, ele é a realidade a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhe dão significado.

3 GÊNERO, SEXUALIDADE E A GEOGRAFIA ACADÊMICA

Ainda que as abordagens da sexualidade e do gênero sejam recentes na geografia brasileira (Ornat, 2008; Silva *et al.*, 2013), a cada dia novos trabalhos sobre os temas são publicados, revelando novas perspectivas, métodos e análises. Isso porque a Geografia Acadêmica permite estudar as dinâmicas sociais da maneira como estão inseridas no espaço geográfico e, no que tange a comunidade LGBTQIA+, tais espaços muitas vezes são negados ou seus membros são invisibilizados (Netto, 2022). Dessa forma, quando a sexualidade é colocada sob o prisma da ciência geográfica é com o intuito de entender as relações dentro do espaço.

Segundo Netto (2022) é possível observar nos dias de hoje um aumento na produção acadêmica na geografia a respeito das (r)existências e resistências. Analisar através dessa ótica, para a autora, é procurar entender as relações complexas que se estabelecem no espaço geográfico, seja no campo material ou no imaterial. Desse processo é que resultam os espaços

de resistência, que, de acordo com Pereira (2017), não apenas utilizam os espaços, mas produzem seus próprios espaços e suas geografias.

Para que possamos pensar na geografia das (r)existências e resistências, temos que entender a tríade do poder, do espaço e da resistência. Raffestin (1993) em “Por uma Geografia do Poder” explicita que todas as relações sociais são relações de poder que se materializam no espaço material e imaterial, conceito utilizado por Santos (1996). Assim, o espaço geográfico que conhecemos que foi e ainda é constantemente modificado pelas ações antrópicas pode ser lido como o resultado das citadas relações de poder impostas espacial e territorialmente, inclusive sobre nossos próprios corpos.

Netto (2022) afirma que há uma intensa relação entre o conceito de corpo-território e a geografia das (r)existências e resistências. Pensar o corpo como um território, segundo Mondaro (2009, p. 7), é entendê-lo como inerente à existência do ser humano, estando imerso em relações de poder que influencia na maneira em que o espaço pode ser apropriado por diversos sujeitos diferentes, o que coloca em evidência a dimensão política na produção de relações sociais e espacialidades. Para ele “[...] controlar e gerenciar os corpos é controlar e gerenciar a ordem espacial, e é, controlar os territórios” (Mondaro, 2009, p. 7).

Logo, gênero e sexualidade conseguem explicar, de certa forma, como a nossa sociedade está organizada. Netto (2022, p. 62) diz que “ (...) Os espaços e os territórios, possuem características indenitárias, contendo assim desigualdades que são estruturais devido a um sistema que contempla apenas um modelo hegemônico no qual a população LGBTQIA+ vive marginalizada nesse processo”.

Com escopo nos pressupostos de Ornat (2008), o espaço é reflexo, meio e condição do gênero e da sexualidade. O espaço imaterial em que se projeta e materializa as relações sociais possui uma estrutura heteronormativa condicionante para as territorialidades e espacialidades das pessoas LGBTQIA+. Essas territorialidades e espacialidades LGBTQIA+ é o tempo todo contrastada à heterossexualidade, ocupante do espaço imaterial atual (Valentine, 1993). Correa *et al.* (1995) completa que o espaço é produzido por agentes sociais. No caso, a comunidade LGBTQIA+ é a agente que constrói e organiza espaços materiais e imateriais, que vai do local ao global.

A partir desta seção se inicia o desenvolvimento, que é a parte nuclear do trabalho. Segundo Andrade (1997, p.74 apud DIB, 2007, p. 48)

[...] a construção do desenvolvimento envolve as seguintes fases: exposição de fatos e ideias; argumentação dos aspectos relacionados ao tema e problema de pesquisa; comparação das ideias (discussão), na qual se refutam ou se confirmam os argumentos apresentados.

4 A ESCOLA E A SEXUALIDADE

Tal coisa também ocorre no espaço escolar. Como no resto da sociedade, a escola possui diversos mecanismos de controle para que haja a padronização e normalização dos sujeitos (Faria, 2022). Nem sempre a escola é um local de acolhimento, gerando a sensação de estranhamento em alunos que fogem à norma.

Para Santos e Ornat (2017), o espaço escolar se organiza quanto a variável gênero sob o padrão da heterossexualidade compulsória, que rege preceitos distintos para o sexo masculino e feminino. Portanto, o espaço escolar, como Albuquerque (2020) havia anunciado quanto a questão de reprodução da mão-de-obra, também é instrumento de manutenção de outras relações de poder na sociedade, como é no caso da heteronormatividade, que se faz presente na arquitetura, no material didático, em regras institucionais, no currículo, etc.

Logo, os estudantes que não estão dentro da regra da heteronormatividade como os homossexuais, bissexuais, pansexuais, transexuais, etc, acabam sofrendo práticas de repressão comportamental com o intuito de os invisibilizar. Para Facco (2011), por conta dessa dinâmica, a escola é homofóbica porque não admite o desejo entre pessoas do mesmo sexo, perpetuando esta ideologia.

Contudo, o espaço escolar, como qualquer outro espaço, é fruto das suas interrelações, seja com a sociedade ou então das relações entre pessoas que ocorrem dentro desse espaço. “Nesses termos, a escola pode ser compreendida como o espaço do saber e do poder, tendo em vista o fato de que em seu interior opera, de forma contínua, a construção de conflitos e negociações em função de circunstâncias determinadas” (Faria, 2022, p. 49).

Sendo assim, a escola pode e deve se preocupar em construir como um espaço que permite a construção ou a imaginação de uma nova sociedade com novos valores, onde a heteronormatividade não cause marginalização ou discriminação dos indivíduos LGBTQIA+.

5 O PAPEL DA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA CONTRA A LGBTQIA+FOBIA

Assim sendo, nos perguntamos qual é o lugar da discussão sobre sexualidade e gênero na Geografia Escolar. Segundo Callai (1999), o ensino poderia ser desenvolvido partindo de problemáticas que tenham a ver com a realidade em lugar de apenas a negar. Desta forma, a educação geográfica apresenta-se como produtora dos fundamentos úteis para a leitura e interpretação da realidade e do mundo.

Callai (2001) defende que a educação geográfica é a única capaz de compreender a dimensão espacial dos fenômenos, podendo discutir sobre os conteúdos escolares a fim de gerar o entendimento de que a sociedade é formada por diversas dimensões dos espaços, com a interação de múltiplos sujeitos, incluindo a população LGBTQIA+. Logo, o ensino de geografia tem o dever de considerar o sujeito na interlocução com o outro (Faria, 2022, p.58).

À vista disso, o ensino de geografia e por extensão toda a geografia escolar pode exercer papel de contrainternalização de valores da classe dominante, sejam eles relativos à heteronormatividade ou aos interesses do capital em apenas reproduzir mão de obra barata, como afirma Albuquerque (2020), dando forças aos grupos que dependem da educação geográfica cotidiana, emancipando-os através da educação. Assim, conforme Cavalcanti (2010), “[...] ensinar Geografia não é ensinar um conjunto de conteúdos e temas, mas é, antes de tudo, ensinar um modo específico de pensar, de perceber a realidade”. Isto é possível pois a formação humana está ligada ao projeto de sociedade e de educação que visa desenvolver a criticidade, e por extensão a contra-hegemonia (Faria, 2022, p. 59).

Sob esse prisma, o ensino de geografia se torna instrumento de identificação de contradições sociais que possam por ventura dificultar a experiência formativa, não só mais um processo institucional e instrucional como tantos. O ensino de geografia é fundamentalmente composto pelo investimento na formação humana, dando atenção às relações pedagógicas e políticas e a todas mais que constituem a espacialidade escolar.

6 O LIVRO COMO FERRAMENTA NO ENSINO DE GEOGRAFIA

A geografia e a literatura caminham juntas há muito tempo. Na Grécia Antiga, além de terem contribuído para inúmeras reflexões acerca do espaço, inclusive aplicadas para a saúde, um exemplo para uma abordagem na educação são algumas obras literárias onde as descrições tinham a função de formar cidadãos gregos (AMORIM FILHO, 2008).

O uso da literatura em aulas de geografia contribui para a construção da percepção da abrangência dos conteúdos geográficos, isto é, que não são restringidos apenas aos conteúdos

factuais e conceituais. Os discentes percebem, então, que há conexão entre os livros lidos como lazer e os conteúdos geográficos.

Assim como as outras artes, a literatura é um campo rico e criativo que pode trazer inúmeros outros assuntos para a sala de aula. Ao utilizá-la em uma abordagem apenas para o aprendizado das categorias, não estamos aproveitando todo o seu potencial. O que este trabalho proporrá é a apreensão do conhecimento acerca das categorias caso elas apareçam na obra e da forma como aparecem.

Segundo Ferreira (1999), através da literatura o jovem adulto consegue formar sua própria visão de mundo e identidade por meio do vislumbre do mundo do outro. Theves (2012) conclui que a curiosidade dos discentes acerca do diálogo entre literatura e geografia é um dos principais fatores para gerar e ampliar a curiosidade dentro de sala de aula, já que os mesmos não conseguem identificar a relação entre as disciplinas.

Theves (2012) também afirma que alunos antes extremamente tímidos, mas leitores, ganham a chance de interagirem mais em sala demonstrando suas opiniões sobre as obras trabalhadas. Logo, o professor também se torna mediador das discussões, fazendo as devidas correspondências entre a obra e geografia. Dessa forma, surge mais um espaço de diálogo e de expressão para os discentes.

Desde o princípio, o principal objetivo ao trabalhar literatura em geografia é aprender e aprofundar conhecimentos geográficos de maneira que o aluno entenda a geografia da sua própria realidade, aplicando os conteúdos geográficos de forma a gerar conhecimentos práticos que o guiem na leitura de seu mundo próprio e considerando o saber prévio que carregam e deve ser explorado pelo professor. Segundo Moragas (2017, p.29) “Quando sabemos utilizar a literatura nas aulas de geografia, proporcionamos ao aluno, além de uma aula diferenciada e interessante, um conhecimento que terá significado por meio da ficção ou de seu cotidiano, de forma prazerosa”.

Dessa forma, a inserção em sala de aula das obras literárias em que o alunado já demonstra interesse e comenta fora do ambiente escolar, seja ele virtual ou não, estimula a troca e o diálogo durante as aulas, se mostrando um estímulo a mais para a inserção da literatura de ficção seja como método de ensino, material auxiliar ao livro didático, proposta pedagógica interdisciplinar, e entre tantas outras possibilidades.

7 DESCORTINANDO JANELAS GEOGRÁFICAS EM “EU BEIJEI SHARA WHEELER”: A AUTORA E A CIDADE DE FALSE BEACH

A história da obra “Eu beijei Shara Wheeler” se passa na cidade fictícia de False Beach, no estado estadunidense do Alabama, que faz parte do chamado “Cinturão Bíblico” (Bible Belt) do país, região em que o protestantismo é parte principal de uma forte identidade cultural.

Tal cinturão, que abrange o extremo sul e sudoeste dos Estados Unidos, apresenta um percentual de cristãos acima da média nacional, composto pelos estados federados da Carolina do Sul (78%), Carolina do Norte (77%), Alabama (86%), Geórgia (79%), Mississippi (83%), Tennessee (81%), Kentucky (76%), Arkansas (79%), Texas (77%), Missouri (77%), Oklahoma (79%), Louisiana (84%), Virginia (73%) e parte da Flórida (70%), Kansas (76%), Illinois (71%), Virgínia Ocidental (78%), Ohio (73%) e Novo México (75%) com população cristã, defensora de valores tradicionalistas e conservadora (THE PEW RESEARCH CENTER, 2007).

A origem dessa forte ligação com a religião, segundo Mateo (2010), vem da perseguição ao protestantismo ocorrida na Europa durante o século XVIII, e a América do Norte foi o porto de chegada de milhares de protestantes impedidos de exercerem sua fé no velho continente. Logo, graças a essa tradição religiosa, deu-se início a um sentimento de missão no sentido mais bíblico possível: a América do Norte tornou-se uma espécie de

“destino manifesto”, onde essa população poderia colocar em prática seus preceitos religiosos sem que houvesse qualquer discriminação. Dessa maneira, os puritanos protestantes criaram uma atmosfera religiosa no Novo Mundo onde puderam desfrutar de suas liberdades sem a geração de conflitos, remetendo aos peregrinos à concepção de predestinação divina, consolidando as colônias a partir desta visão de mundo (RIBEIRO, 2018).

Ao contrário da nossa personagem principal, Chloe Green, Casey McQuinston, de 32 anos, nasceu e cresceu no cinturão bíblico, no sul do estado da Louisiana. Apesar da autora afirmar no posfácio do livro que não escreveu Chloe inspirada em si mesma, nenhuma das duas se encaixava bem nesse ambiente. A autora é abertamente bissexual e queer, tem TDAH e se formou em jornalismo na Louisiana State University. Assim que publicou seu primeiro livro (*Vermelho, Branco e Sangue Azul*), mudou-se para o lugar que vive no imaginário dos amantes do ambiente cosmopolita: Nova York (MANUAL GEEK, 2022).

Voltando à conservadora de False Beach, Chloe relata que a primeira coisa que viu ao chegar na cidade foi o rosto de sua nêmesis, Shara Wheeler, em um *outdoor* com a propaganda de sua futura escola. Ele dizia “JESUS AMA GEOMETRIA! UMA EDUCAÇÃO CENTRADA EM CRISTO NA ESCOLA CRISTÃ WILLOWGROVE” (MCQUINSTON, 2022, p.26).

É importante dizer neste ponto que Chloe é filha única de mães lésbicas e que uma de suas mães estudou nesta escola, onde sofreu bullying por causa de sua sexualidade e sempre se envolver em atividades consideradas pouco femininas. Enquanto as meninas estavam disputando vagas como líderes de torcida, a mãe de Chloe estava junto dos rapazes na aula de marcenaria, por exemplo.

Chloe se viu obrigada a mudar-se da Califórnia para o Alabama quando sua avó ficou doente. Com a morte dela, a família já estava estruturada na cidade e Chloe não queria interromper o programa educacional com grande foco em arte, que foi o ponto crucial para que ela estudasse em Willowgrove, para ir embora. Visando seu desempenho no vestibular, a protagonista opta por permanecer na cidade até que obtenha a vaga tão sonhada na NYU (New York University).

A partir de sua chegada, Chloe nos conta algumas coisas sobre a organização espacial da cidade.

False Beach fica às margens do lago Martin, o que dá a leve ilusão de que essa poderia ser uma cidade praiana como Gulf Shores ou Mobile, mais adiante na costa, mas não é. Fica a quatro horas do Golfo do México seguindo por dentro do continente, mais perto de Atlanta do que de Pensacola, quase bem no centro do estado. A beira do lago nem é de areia, porque o lago não é um lago de verdade. É um reservatório feito nos anos 1920, cercado por margens pantanosas, bosques e falésias (MCQUINSTON, 2022, p.27).

Chloe também relata a organização com base em classes sociais. Quando vai visitar o amigo de Shara, Rory, em seu condomínio fechado, que fica em um bairro mais nobre da cidade, onde os cidadãos mais abastados escolhem morar. Nesta situação, Chloe mostra certa preocupação em sofrer retaliações por estar naquele espaço. Ela diz a Rory (McQuinston, 2022, p. 50): “Agora você pode, por favor, ligar pra portaria pra me liberarem? Meu carro é um lixo e os guardinhas vão ficar desconfiados”.

A livraria é o lugar mais interessante da cidade, na opinião da protagonista. Ela é propriedade dos pais de sua melhor amiga, Georgia, e fica no centro da cidade.

O que os locais chamam de centro é uma única rua principal ladeada por prédios históricos de tijolos vermelhos e lojas de dois andares encostadas umas nas outras, com sacadas de ferro e um charme de cidade pequena do Sul. No fim, há um

tribunal branco alto, com pilares de ferro fundido e uma praça larga aos seus pés, dos tempos da Guerra Civil. Havia um monumento medonho dos confederados no centro da praça, mas dois verões atrás alguém o derrubou no meio da noite e o jogou dentro do lago Martin, o que é a única coisa legal que já aconteceu em False Beach.

No ano passado, a câmara municipal fez um concurso para escolher uma nova mascote para a cidade e instalou uma estátua de bronze do vencedor: um cervo empinado com galhadas enormes chamado Buck, o Cervo. [...]

A livraria Belltower Books, que fica dentro da base da torre (do sino da cidade), é basicamente o único lugar de False Beach que vale a pena ficar. (...) De hora em hora, o sino da torre ecoa pelas paredes da loja, chacoalhando até a recepção, onde o pai de Georgia está sentado com seus óculos de avião escutando The Eagles (MCQUINSTON, 2022, p. 44).

Em diversos momentos da obra, Chloe expressa como seus amigos são essenciais para fazer de False Beach habitável. Nesta mesma cena, a protagonista diz “É um milagre que alguém como Georgia exista em um lugar como o Alabama. A vida seria insuportável sem ela” (MCQUINSTON, 2022, p. 45).

O que nos leva a falar um pouco da característica principal dos amigos de Chloe: a grande maioria foge à heteronormatividade.

8 QUESTÕES DE SEXUALIDADE E GÊNERO ATRELADOS AO LUGAR

Ao chegar em False Beach, Chloe acreditou que não se encaixaria completamente ao lugar. Foi graças a algumas amigas que fez em primeiro momento que conseguiu construir um ambiente minimamente confortável.

Por suas mães serem um casal sáfico e por ela mesma ser uma menina bissexual, Chloe cresceu respeitando a diversidade e tratando o tópico de forma natural. Contudo, esse não é o cenário da cidadezinha do interior do Alabama. O ultraconservadorismo atrelado ao puritanismo protestante impede pessoas que fogem à heteronormatividade e ao patriarcado de viverem suas vidas normalmente. O livro é repleto de situações em que Chloe e as pessoas ao seu redor, alheias a esses padrões, confrontam ou são confrontados por essa realidade.

A começar por Ash, *amiguita* de Chloe que se considera uma pessoa não-binária. Ash vive à margem das relações da escola, e seus amigos é o grupo que nossa protagonista se encaixou. Neste primeiro grupo, antes do desaparecimento de Shara, todos estão à margem do ambiente escolar, são considerados estranhos e esquisitos e têm a fama de *nerd* pelos outros estudantes. Uma situação que mostra a indiferença e a marginalização feita pelos outros estudantes à Ash foi quando um dos seus vídeos do *TikTok* viralizou e todos na escola souberam que Ash era de fato *não-binária*. Houveram comentários negativos de toda espécie e *ela* passou a ser ainda mais invisível para as pessoas da escola, exceto seus amigos.

Outra situação também relacionada ao gênero e também LGBTQIA+fobia ocorreu durante uma festa, em que Chloe e Smith, o então namorado de Shara, que ainda estava desaparecida, foram juntos procurar um dos bilhetes da terceira. Um dos garotos considerados popular, Dixon Wells, o anfitrião, ao ver Chloe frequentando uma festa de ensino médio, algo incomum de acontecer, tece alguns comentários sobre a mesma. Chloe descreve o mesmo no seguinte parágrafo:

Mas uma festa cheia do tipo de pessoa que é considerada popular em Willowgrove não é o que Chloe chamaria de diversão, especialmente quando é dada por Dixon Wells. Dixon é uma variedade particular do babaca afável típico do Alabama: o tipo que insiste que ele pode fazer piadas ofensivas porque não é racista/ sexista/ homofóbico/ transfóbico/ seja lá o que for *de verdade*, então ele não está falando sério *de verdade*, mas as piadas são *tão engraçadas*. *Humor ácido*. Óbvio, o corpo estudantil o elegeu como rei do baile em vez de Smith, que parece inosso, mas pelo menos é decente (MCQUINSTON, 2022, p.84).

O caso de machismo e LGBTQIA+fobia começa quando Chloe pergunta sobre o que Dixon está conversando com Tanner, já que ambos estavam falando muito alto. Com isso, Dixon diz a Smith “Essa daí é sua, Smith? Faz só uns dias que a Shara sumiu. Isso sim é rebote”, levando a entender que Smith é ágil ao conquistar e namorar garotas (MCQUINSTON, 2022, p.98).

Ao esclarecer que Chloe é somente sua amiga e os quatro agora estarem imersos no assunto, que é a pegadinha de fim de ano, a protagonista diz que eles poderiam fazer algo mais original, ao que Dixon rebate que está “disposto a deixar essa passar por causa da Regra Rachel” (McQuinston, 2022, p.98). Dixon explica que esta é “uma regra que os veteranos do ano passado inventaram para Rachel Kennedy, que era uma puta chata, mas mesmo assim vinha para as festas porque ela tinha peitos enormes” (McQuinston, 2022, p.99), enquanto olha para a camisa de Chloe que estava molhada e transparente, mostrando seus seios. Então, ele completa: “Enquanto você estiver usando isso, a Regra Rachel diz que você pode ficar” (MCQUINSTON, 2022, p.99).

Ele continua “[...] Sabe o que todo mundo diz, né? ‘Quem é Chloe Green?’ ‘Ah, é aquela menina de Los Angeles com os peitões’”(McQuinston, 2022, p.99). Ao notar o choque de Tanner, Chloe e Smith no ambiente, ele intera: “É um elogio! Olha, antes deles surgirem, todo mundo só chamava você de lésbica, então acho que é um avanço. Você deveria ter orgulho deles!” (MCQUINSTON, 2022, p.99).

Ao que Smith ameaça entrar em confronto físico para defender Chloe das ofensas, a mesma responde:

Não, não, tudo bem. Sei sim como é meu corpo. E, um dia, quando Dixon tiver cinquenta anos e a segunda mulher dele o tiver largado porque ele é um treinador careca de futebol americano infantil com a personalidade de um bolo de carne congelado, e os filhos o odiarem porque ele nunca expressou nenhuma emoção além de raiva e tesão, ele vai lembrar do último ano do ensino médio e se dar conta que ser o rei do baile de formatura foi a única conquista que ele já teve na vida, e que, mesmo no absoluto auge da vida dele, antes de tudo ficar uma merda, aquela menina de Los Angeles com os peitões não quis transar com ele (MCQUINSTON, 2022, p.99-100).

Chloe nunca se deixou intimidar pelo lugar ou pela cultura local. Algo que a mesma relata constantemente, por exemplo, é infringir regras para se sentir mais à vontade, o que vem junto com a ação de transgressão, o que será tratado mais à frente.

Ao ir embora da festa junto de Smith após a briga, ela conta a ele que não é lésbica, e sim bissexual, e que pessoas bissexuais existem, sim. Para a sua surpresa, Smith não reagiu mal e continuou conversando com ela normalmente. Segundo Green, as únicas pessoas que não tinham atitudes pejorativas quando falava sobre isso eram as pessoas LGBTQIA+ da cidade, ou seja, suas mães, seus amigos, e, como a própria diz, provavelmente seu professor de teatro.

Dessa forma, conforme o círculo de amizades de Chloe aumenta graças à perseguição/busca pelo destino de Shara Wheeler, ela vai construindo novas relações além de sua bolha segura, e percebendo que pessoas progressistas, assim como ela, frequentam ambientes machistas, homofóbicos e racistas sendo omissos em relação a tais falas e atitudes, que também desaprovam a marginalização que ocorre na escola, mas preferem não agir para que também não fossem excluídos por aqueles com quem cresceram juntos.

Isso acaba fazendo com que os personagens que nasceram em False Beach tenham dificuldade em expressar a própria identidade. Temos alguns exemplos disso durante o livro, um deles é um parágrafo em que Chloe nos conta como Georgia buscou estéticas, maneiras de se vestir e atividades que tinham a ver com sua personalidade e sexualidade.

No último ano desde que Georgia contou a Chloe que gostava de meninas, ela passou por meia dúzia de diferentes estéticas lésbicas tentando sacar qual era a dela. No começo ela ficava prendendo o cabelo, usando *tops* da *Nike* e pesquisando exercícios físicos para afilar a linha do maxilar, depois veio o batom vermelho patricinha e tatuagens desenhadas à mão e aí foi a vez da calça jeans rasgadas com jaquetas de couro garimpadas e, uma vez, ela considerou raspar todo o cabelo e tentar entrar no time de futebol. No fim, a mãe de Chloe deu um mosquetão para Georgia no aniversário dela de dezessete anos, ela cortou o cabelo na altura dos ombros e tudo fez sentido (MCQUINSTON, 2022, p. 112).

Rory, o antigo melhor amigo de Smith e melhor amigo de Shara, também só contou a Chloe que gostava romanticamente de Smith depois de algum tempo buscando os envelopes de Shara, quando os dois já tinham estabelecido um laço de confiança entre eles. Rory assume que fingiu gostar de Shara para poder se afastar de Smith. Chloe, após confortar o amigo, diz que nenhuma pessoa da comunidade LGBTQIA+ teve o direito de fugir do que é, só Shara.

Ela diz isso porque começa a desconfiar que um dos motivos que levou sua inimiga intelectual a fugir foi o fato de não ser heterossexual e ter sentimentos por Chloe. Ela tem essa percepção quando percebe que Shara deixou envelopes para ela em lugares significativos para Chloe, ou onde Chloe tentou seduzir Shara para irritá-la. Até que, em um dos cartões que Shara deixava para que encontrassem, ela finalmente se declara:

[...]Você ficaria surpresa se eu dissesse que pedi para o Sr. Davis nos tornar parceiras de laboratório em química?

E se eu te dissesse que fingi que meu cadarço estava desamarrado para poder esperara do lado de fora da sala da Sra. Farley para ver você entrar no primeiro dia de aula este ano? E se contasse a verdade, que fiz questão de passar três dedos no canto superior direito da sua carteira antes de me sentar na sua frente da sua carteira antes de me sentar na sua frente, e passei uma hora sentada lá tentando imaginar sua cara quando fiz isso?

[...]

Às vezes, quando me sentia no ápice da criatividade, imaginava como poderia fazer você se apaixonar por mim. Assim que soube que você gostava de meninas, vi que era minha chance. Eu poderia passar a ponta dos dedos em seu queixo, poderia quase beijar você na biblioteca. Poderia partir seu coração de maneira tão primorosa que você deixaria de se importar com vencer. Sempre foi tão fácil fazer as pessoas se apaixonarem por mim. Eu tinha certeza que poderia fazer isso com você.

Eu tentei, no segundo ano. Lembra de pré-cálculo? Fingi que não entendi alguma coisa porque sabia que você também não entendia. Era para ser uma forma de me aproximar de você para colocar em prática todos os truques que eu conhecia. Mas você sacou qual era a minha. Você não é como os outros. Os mesmos truques não funcionam com você.

Acho que foi aí que as coisas começaram a desandar para mim. Existem coisas sobre mim que não fazem sentido. Não sei se me encaixo aqui. Como é possível se sentir distante de um lugar onde todos amam você? Dever a vida a um lugar e ainda assim querer fugir? Tenho tentado muito entender o que é que me faz me sentir dessa forma e como isso parece tão profundo e tão grande que deve ser a maior parte de mim, meus ossos e a pele que cobre meus nós dos dedos e meus ombros. Saber que não poderia ter você se quisesse — é quase a mesma dor. É quase a mesma sensação. Elas estão páreo a páreo. O que têm em comum?

Gostaria que você guardasse essa (carta) para você, S (MCQUINSTON, 2022, p.174-175).

Assim, Shara associa querer Chloe com não se sentir pertencente à cidade de False Beach. Não apenas Shara, como todo o ciclo de amizades construído por Chloe durante a busca por sua inimiga, até que esse sentimento chega a um ponto de ebulição: quando Georgia é flagrada beijando uma outra menina, que posteriormente descobrimos ser Summer, uma das únicas personagens negras, junto com Smith, no banheiro da escola.

Para os cristãos do colégio Willowgrove, foi considerado algo extremamente chocante e desrespeitoso. Para os amigos de Georgia, algo extremamente preocupante. A notícia chegou rapidamente à Chloe através de Shara, que já havia reaparecido e se reconciliado com a protagonista, que correu até a sala de direção. Ao saber que a punição pelo beijo revelaria para a escola e para a família de Georgia que a mesma era uma adolescente lésbica, Chloe resolve assumir a culpa no lugar da amiga, assumindo a punição que receberia do diretor.

O diretor, pai de Shara, vendo que era Chloe quem tinha infringido tão gravemente o código da escola, a mesma menina que recebia semanalmente advertências por violar o código de vestimenta e que competia décimo a décimo com sua filha para ser oradora da turma de formatura, rapidamente soube que punição aplicaria. O diretor Wheeler suspendeu a protagonista de comparecer à formatura.

Tal situação causou uma revolta tão grande, principalmente em Smith — que assim como Summer é negro¹ e se tornou um dos melhores amigos de Chloe — que deu a ideia de organizarem uma formatura paralela em forma de protesto. A cerimônia de formatura paralela será mais explorada em outro tópico do texto. Agora, daremos foco a algumas questões ligadas a raça.

10 TORNANDO-SE UM LUGAR: COMO CHLOE CRIA VÍNCULOS COM SUA ESCOLA E COM A CIDADE DE FALSE BEACH

Chloe nunca se sentiu à vontade na cidade de False Beach. Contudo, o processo de procurar Shara Wheeler através das cartas fez com que ela criasse alguns vínculos, para além dos que já tinha, com mais pessoas e com mais lugares.

Algumas formas que a protagonista encontrou para se sentir parte de Willowgrove foi infringindo regras e confrontando a mentalidade ultraconservadora do lugar: ela infringia semanalmente o código de vestimenta da escola com saias curtas, unhas pintadas de preto, meias abaixo dos joelhos e algumas outras coisas; também tentou abrir uma aliança LGBTQIA+ na escola, mas ninguém comparecia às reuniões, nem mesmo seus próprios amigos, e também foi suspensa por levar camisinhas em protesto contra a política de educação sexual de Willowgrove que se baseava apenas em abstinência. Contudo, esse mecanismo de autoafirmação não era suficiente para se sentir parte de False Beach ou de Willowgrove.

Chloe se sentia integrada, entretanto, em alguns ambientes, como nas aulas ligadas às artes, como música e teatro e na livraria da cidade, que pertencia à família de Georgia.

Todo o quinto capítulo se passa na sala de coral/teatro da escola. É relatado que o grupo de amigos de Chloe é todo voltado à arte: Benjy canta e atua, Ash desenha e maquia, Georgia por ser filha do dono da livraria é muito ligada à literatura e, por essas artes os acolherem, essa sala é onde eles costumam passar o horário do almoço ou horários livres todos os dias. Os amigos também costumam se reunir na livraria, onde podem conversar ainda mais livremente.

Com o sumiço de Shara, a atitude da mesma de deixar bilhetes para Chloe, Rory e Smith, faz com que Chloe precise se relacionar com pessoas para além do seu círculo inicial de amigas, a começar pelos próprios Rory e Smith. Ao fazer isso, Chloe vai ampliando

¹ Ainda que a questão racial seja pertinente ao livro, tornando interessante uma análise própria devido aos personagens negros no Sul racista dos Estados Unidos ocuparem posições que exerçam algum tipo de poder, esta discussão extrapolaria o recorte do artigo. Em tempo, é bem-vinda a colaboração dos pares para tal discussão a fim de enriquecermos o debate sobre a obra.

ainda mais as pessoas com quem tem contato: Ace, Summer, a própria Shara, os amigos de Ace, etc.

Daí, Chloe começa a criar laços não só com as pessoas, mas também com a cidade de False Beach. Ao sair com Rory, Ace e seus amigos depois de invadir a sala do diretor e poder aliviar a tensão, tomando raspadinhas, Chloe pensa:

Não é muita coisa — Chloe sabe disso. São só as janelas do carro abertas, o brilho azul e branco de um Walmart ao longe, o cheiro do asfalto molhado, o zumbido do letreiro de uma Dairy Queen, a estação de rádio de sempre tocando as mesmas quinze músicas altíssimo e em looping. Mas ela está começando a entender o que significa ser daqui, porque pode jurar que o ardor vermelho vivo de cereja artificial é a melhor que ela já tomou (MCQUINSTON, 2022, p.148).

Isso não significa, entretanto, que os problemas de False Beach tenham sido resolvidos ou que Chloe tenha aceitado conviver com eles ou compreender que seus amigos aceitem. Existem dois exemplos disso: primeiro quando Georgia decide não sair de False Beach para fazer faculdade e quando Chloe e seus amigos decidem fazer a formatura paralela em protesto.

No caso de Georgia, a mesma decide continuar vivendo em False Beach enquanto faz faculdade ali perto para ajudar os pais com a livraria, que estava passando por maus momentos. Chloe diz que Georgia fala mal de False Beach todos os dias, no que Georgia responde:

Não, *você fala* — Georgia diz — Sim, tem muita coisa neste lugar que é um saco, mas também é onde eu nasci. E, sinceramente, às vezes fico cansada de você agindo como se fosse muito melhor do que esta cidade, como se sua família não fosse daqui também (MCQUINSTON, 2022, p. 210).

O que eu quero é... Queria me apaixonar. Quero ter uma grande história de amor dramática e ridícula, como uma obra de época em que meu par romântico seja representado pela Saoirse Ronan e eu possa usar um corselete chique. Quero escrever livros sobre essa sensação. E não sei se vou ter nada disso aqui, mas sei o que vou perder se sair (MCQUINSTON, 2022, p. 210).

Nisso, Chloe pergunta se Georgia gostaria de conversar com sua mãe, para saber como é a experiência de um adulto LGBTQIA+ vivendo em False Beach. Georgia responde:

Eu sei, ela se mudou. Muita gente se muda. E tudo bem! Eu entendo. As pessoas têm que fazer o que têm que fazer. Mas, se todo mundo abandonar False Beach, a cidade nunca vai mudar. Alguém tem que ficar (MCQUINSTON, 2022, p. 210-211).

Já na segunda ocasião, quando Smith sugere a organização de uma formatura em protesto, quando outros colegas vão chegando e lotando a livraria, Chloe se vê realizada e finalmente sente que encontrou o seu lugar em False Beach e em Willowgrove: “*Aqui*, Chloe pensa pela primeira vez desde que saiu da Califórnia, *aqui é o meu lugar*” (MCQUINSTON, 2022, p. 291).

Isso acaba sendo refletido no discurso de Chloe na formatura paralela, quando ela é a oradora escolhida por aqueles que não concordavam com as normas e atitudes do colégio Willowgrove. Chloe finalmente se sente e é aceita em False Beach por ser quem é, ocupando um espaço na vida da cidade e da escola.

Nesse discurso, Chloe revela que passou a considerar False Beach e Willowgrove lugares que a fizeram entender sobre si mesma e que possuem coisas positivas. Ela atribui um significado positivo, específico e forte em relação ao lugar e às relações que construiu durante os anos que viveu na cidade. Segue as partes mais importantes do desfile:

[...] Nenhuma das versões antigas estava boa, porque foram escritas para um lugar diferente com pessoas diferentes. Muitos desses rascunhos eram raivosos ou

tinham muitos palavrões ou eram simplesmente maldosos, algo do qual não me arrependo, porque Willowgrove pode ser bem maldosa, então acho que é justo. Mas aprendi mais sobre Willowgrove no último mês do que nos últimos quatro anos, e aquele não é mais o discurso que quero fazer. Quando me mudei para False Beach, eu tinha certeza de que era melhor e mais inteligente do que todo mundo no Alabama. Encontrei meus amigos e decidi que eles eram as únicas pessoas em Willowgrove que valiam a pena. Eu estava convencida de que sabia, com absoluta certeza, quem merecia ou não merecia uma chance. Mas então, mais ou menos um mês atrás, alguém me beijou. [...] Aprendi que muitos de nós, muitos mais do que eu imaginava, estão fazendo o possível pra sobreviver num lugar que parece não nos querer. Aprendi que sobreviver é pesado pra muitos de nós. E, pessoalmente, descobri que eu tinha ficado tão acostumada com esse peso que parei de notar o quanto de mim dedicava a carregá-lo. Boa parte do ensino médio gira em torno de entender o que importa e o que não importa pra você.

[...] Às vezes, podemos questionar se tudo o que aconteceu nesses últimos anos realmente importa. A verdade é que sim, só não da maneira como muita gente pensa. O ensino médio importa porque molda a maneira como vemos o mundo quando entramos nele. Levamos a dor, os medos confirmados, as inseguranças que as pessoas usaram contra nós. Mas também levamos o momento em que alguém nos deu chance, mesmo sem precisar [...]. O momento em que vemos um amigo fazer uma escolha que não entendemos no começo porque ele é corajoso de um jeito diferente. [...] O momento em que um professor nos disse que acreditava em nós. [...] O momento em que dizemos a alguém quem somos e essa pessoa nos aceita sem pestanejar. [...] O momento em que nos apaixonamos pela primeira vez. [...] A maioria das coisas que estamos sentindo agora são coisas que estamos sentindo pela primeira vez. Estamos aprendendo o que significa senti-las. O que podemos significar uns para os outros. É lógico que isso importa. E isto, aqui, agora, mesmo que nada mude, mesmo que tudo que consigamos fazer hoje seja provar que existimos e que não estamos sós... acho que isso importa pra cacete.

[...] Mesmo que apenas em parte, pode ser isso o que significa ser do Alabama.

[...] Todas as coisas em que as pessoas podem transformar False Beach.

[...] Então é basicamente isso que quero dizer [...]. Georgia, Benjy, Ash, obrigada por serem meu lugar aqui quando eu não tinha mais para onde ir. À Smith e Rory: nunca vou parar de me sentir sortuda por ter conhecido vocês.

[...] E à garota que me beijou — ela diz — Fiz alguns dos melhores trabalhos da minha vida por sua causa. E sei que você fez alguns dos melhores trabalhos da sua por minha causa. Não sei uma maneira melhor de explicar o que o amor quer dizer para pessoas como nós. (MCQUINSTON, 2022, p.336-338)

A epifania de Chloe é que nenhuma das pessoas que ela ama em False Beach está descolada da cidade. Benjy havia crescido ouvindo Dolly Parton, cantora *country* estadunidense, e Ash escolheu seu nome por causa das *Ash Trees*, os teixos do Alabama. Chloe, que antes planejado dizer aos seus futuros colegas de faculdade que nunca havia saído da Califórnia, se imagina contando as histórias de False Beach para eles.

11 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos ver, ao longo das situações do livro, que Chloe chega como uma estranha em False Beach, se sentindo e sendo de fato excluída da vida social da escola de Willowgrove e da cidade, tanto por ser quem ela é, sua personalidade, quanto por ser filha de um casal de mães sáficas.

Ao longo da busca por Shara, sua ex nêmesis e nova namorada, Chloe não só a encontrou como encontrou seu lugar nessa sociedade e no mundo. As relações que ela construiu nessa busca foram essenciais para esse sentimento de pertencimento.

Assim, False Beach e Willowgrove deixam de ser um vazio, ou lugares ligados a

sentimentos negativos, que rejeitam a protagonista e sua família, para ser agora um lugar ligado ao crescimento pessoal de Chloe.

Assim como para a protagonista, seus amigos também passaram a ter novas considerações sobre False Beach, sobre quem são, o papel que exercem na cidade e o papel controlador que a cidade e a escola exercem sobre eles. Logo, a obra “Eu beijei Shara Wheeler” é uma obra que expressa o que é o lugar e a construção mútua de sujeito e lugar ao longo de suas páginas e da história causada pelo sumiço de Shara.

Portanto, vemos o lugar como um “centro de identidade construído pela experiência”, conforme Tuan (2018). Ainda, para o mesmo autor, a experiência demanda tempo. Os anos que Chloe passou em False Beach fizeram com que conhecesse o lugar, mas não de forma tão profunda quanto seus colegas que nasceram e viveram a vida toda lá. Eles sentiam que pertenciam a False Beach, de modo ou de outro, enquanto a protagonista desenvolveu esse sentimento depois de 4 anos vividos lá.

“Eu beijei Shara Wheeler” se mostra, como dito na introdução deste artigo, um livro em que o alunado enxerga suas opiniões, conhecimentos, sensações e se identifica com eles. É uma mídia pela qual se sente compreendido. O ultraconservadorismo está presente em muitas famílias brasileiras, associado à vida religiosa dessas famílias. Através de obras literárias como essa, é possível ter a esperança de aceitação de uma sociedade futura, menos homofóbica, transfóbica, racista, que esses alunos constituirão quando ingressarem na vida adulta.

REFERÊNCIAS

AMORIM FILHO, O. B. Literatura de explorações e aventuras: as “viagens extraordinárias” de Júlio Verne. **Sociedade e Natureza**, Uberlândia, n. 20, p. 107-119, dez. 2008.

CALLAI, H. C. O ensino de Geografia: recortes espaciais para análise. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Castro et al. (Org.). **Geografia em sala de aula: práticas de reflexões**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS/AGB-PA, 1999. p. 57-66.

CALLAI, H. C. A Geografia e a escola: muda a geografia? Muda o ensino? **Terra Livre**, São Paulo, n.16, p.133-152, jan./jun. 2001.

CAVALCANTI, L. S. A geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas. In: I SEMINÁRIO NACIONAL: Currículo em movimento - perspectivas atuais, Belo Horizonte, 2010. **Anais...** Belo Horizonte, 2010.

Eu Beijei Shara Wheeler. [S. l.]: **Companhia das Letras**, 16 ago. 2022. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/livro/9788555342059/eu-beijei-shara-wheeler>. Acesso em: 25 ago. 2023.

CONHEÇA Casey Mcquiston, de Vermelho, Branco e Sangue Azul. [S. l.]: **Manual Geek**, 9 set. 2022. Disponível em: <https://manualgeek.com.br/sabe-quem-e-a-autora-casey-mcquiston/>. Acesso em: 27 set. 2023.

CORREA, L, R.; CASTRO, I.; GOMES, P. **Geografia, Conceitos e Temas**, 910G345 8.ed. 1995.

DIAS, R. M. **Editoras LGBT brasileiras contemporâneas como registro de uma literatura homoafetiva**. 2013. 130 f., il. Dissertação (Mestrado em Literatura)— Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

FACCO, L. A escola como questionadora de um currículo homofóbico. In: SILVA, Joseli Maria; SILVA, Augusto César Pinheiro da. **Espaço, gênero e poder: conectando fronteiras**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2011. p.19-29.

FARIA, R. P. do N. **Concepções de gênero e sexualidade no ensino de geografia em escolas públicas de Goiânia, Goiás**. 2018. 137 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.

FERONATO, L. N. FLIPOP: uma análise de consumo da literatura Young Adult (YA) no mercado editorial brasileiro. **Revista O QI** v.9, p 109-11. 2020.

FERREIRA, C. de C. M. Ensino de geografia: uma proposta metodológica para o uso da literatura infanto-juvenil na sala de aula, por professores de geografia. **Boletim Gaúcho de Geografia**, Porto Alegre, v. 25, n. 1, p. 9-19, 1999. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/39724>. Acesso em: 01 nov. 2022.

FREITAS, R. A de. GEOGRAFIA E LITERATURA: DESCORTINANDO O CONCEITO DE LUGAR, POR ENTRE AS JANELAS DE “O CORTIÇO”, DE ALUÍSIO AZEVEDO. **Revista Discente Planície Científica**, v. 2, n. 2, 2020.

LISTA dos Mais Vendidos: TikTok segue ditando o ritmo da categoria Infantojuvenil. [S. l.]: **Publish News**, 14 jan. 2022. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2022/01/14/lista-dos-mais-vendidos-tiktok-segue-ditando-o-ritmo-da-categoria-infantojuvenil>. Acesso em: 3 out. 2023.

LIVROS COM TEMÁTICA LGBTQIA+ CONQUISTAM CADA VEZ MAIS ESPAÇO ENTRE LEITORES JOVENS. [S. l.]: **NAU EDITORA**, 22 fev. 2022. Disponível em: <https://naueditora.com.br/livros-com-tematica-lgbtqia-conquistam-cada-vez-mais-espaco-entre-leitores-jovens/>. Acesso em: 3 out. 2023.

MALTA, R. B; FLEXOR, C. L. O; COSTA, A. A. N. Uma nova velha história: sobre censura e literatura LGBT+. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, [S. l.], n. 61, p. 1–13, 2020. DOI: 10.1590/2316-40186110. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/35285>. Acesso em: 3 out. 2023.

MATEO, L. R. O Lobby de Israel e o primeiro ano da administração Obama. **Meridiano 47 – Journal of Global Studies**, v. 11, n. 121, p. 3-10, 2010.

MCQUINSTON, C. **Eu Beije Shara Wheeler**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. 352 p.

MENDONÇA, G. A. B de. **Importância da literatura contemporânea de temática LGBT para a educação**. 2018. 18 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Português) — Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

- MONDARO, L. Marcos. **O corpo enquanto “primeiro” território de dominação: o biopoder e a sociedade de controle**. UFGD, 2009
- MONTEIRO, C. A. F. O espaço iluminado no tempo volteador (Grande sertão: veredas). **Estudos avançados**, v. 20, p. 47-64, 2006.
- MORAGAS, R. A. B. **O (re) significar o lugar no ensino de geografia em Goiás por meio da poesia de Cora Coralina**. 2017. 148 f. Tese (Doutorado) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-02022018-123722/pt-br.php>. Acesso em: 04 nov. 2022.
- NASCIMENTO, T. F. do; COSTA, B. P. Fenomenologia e geografia: teorias e reflexões. **Geografia. Ensino & Pesquisa**, v. 20, n. 3, p. 43-50, 2016.
- NETTO, A. N. A SEXUALIDADE E GEOGRAFIA: UM TEMA EMERGENTE. **Boletim Alfenense de Geografia**, v. 2, n. 4, p. 158-172, 3 out. 2022.
- OLIVEIRA, R. S.; SIMÕES, M. P. S. G. Do sodomita ao homoafetivo: estereótipos gays na literatura. **Interdisciplinar**, São Cristóvão, v. 30, jul.-dez., p.145-161, 2018.
- ORNAT, M. **Sobre espaço, gênero, sexualidade e geografia. feminista**. Ponta Grossa, jul./dez 2008.
- PEREIRA, Edir. **Resistência descolonial: estratégias e táticas territoriais**. UFPA - Campus Cameté. 2017.
- RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.
- RELPH, Edward. An inquiry into the relations between phenomenology and geography. **Canadian Geographer**. 14 (3) : 193-201., 1970.
- RIBEIRO, G. de A. **A influência do "Bible Belt" estadunidense na política externa dos Estados Unidos durante o governo de George W. Bush (2001-2009)**. 2018. 67 f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018. DOI <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2018.970>
- SANTOS, A. E. C. dos; ORNAT, M. J. **Pelo espelho de Alice: homofobia, espaço escolar e prática discursiva docente**. Curitiba: Appris, 2017.
- SANTOS, M. **A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. Editora da Universidade de São Paulo, 1996.
- SILVA, A. F. FORA da caixa: Autores da geração Z impulsionam venda de romances para jovens protagonizados por gays, lésbicas, trans e pansexuais. [S. l.], **Revista Quatro Cinco Um**. 1 out. 2022. Disponível em: <https://www.quatrocinco.com.br/br/artigos/literatura-infantojuvenil/fora-da-caixa>. Acesso em: 10 ago. 2023.
- SILVA, J. M; ORNAT, M. J; CESAR, T. R. A. G; CHIMIN JUNIOR, A. B; PRZYBYSZ, J. O corpo como elemento das geografias feministas e queer: um desafio para a análise no

Brasil. In: SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio José; CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista. Geografias malditas: corpos, sexualidades e espaços. Ponta Grossa: **Toda Palavra**, 2013. p. 85-142

SOUZA, M. J. M. de. Literatura jovem adulto, projeto de extensão e a democratização do conhecimento: a leitura como um direito cidadão. **Pensares em Revista**, n. 17, 2020.

SUERTEGARAY, D. M. A. Notas sobre Epistemologia da Geografia. **Cadernos Geográficos**. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Departamento de Geociências. n°1, Florianópolis: Imprensa Universitária, 1999.

THE PEW RESEARCH CENTER; RELIGION & PUBLIC LIFE. **Chanding US religion landscape**. Washington, DC: Pew Research Center, 2007.

THEVES, D. W. Caminhos e passagens que podem ser abertos pelos livros: diálogos entre a geografia e a literatura no ensino fundamental. **Revista PerCursos**, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 52-74, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/percursos/article/view/2749/2197>. Acesso em: 05 nov. 2022.

TUAN, Y. F. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, Y. F. Geografia Humanística. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (Org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982. p. 143-164.

TUAN, Y. F. Lugar: uma perspectiva experiencial / Place: an experiential perspective. **Geograficidade**, v. 8, n. 1, p. 4-15, 28 out. 2018.

TUAN, Y. F. Space and place: humanistic perspective. In: GALE, S. OLSSON, G. (orgs.). **Philosophy in Geography**. Dordrecht : Reidel, 1979, p. 387-427.

VALENTINE, Gill. **(Hetero)sexing space: lesbian perceptions and experiences of everyday spaces**. In: Environment and Planning D: Society and Space, 1993, vol. 11, p. 395 - 413.